



***EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE PARA LÉSBICAS, GAYS,
BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS: SABERES, VIVÊNCIAS E
(RE)LEITURAS EM PAULO FREIRE***

***LA EDUCACIÓN COMO PRÁCTICA DE LA LIBERTAD PARA LESBIANAS,
GAYS, BISEXUALES Y TRANSEXUALES: SABERES, VIVENCIAS Y (RE)LECTURAS
EN PAULO FREIRE***

***EDUCATION AS A FREEDOM PRACTICE FOR LESBIAN, GAY, BISEXUAL
AND TRANSGENDERS: KNOWLEDGE, EXPERIENCES AND (RE)READINGS IN
PAULO FREIRE***

Cleyton Feitosa Pereira¹

Allene Carvalho Lage²

RESUMO: Através de uma pesquisa bibliográfica, com foco nas obras “Educação como Prática da Liberdade” e “Pedagogia do Oprimido”, tecemos reflexões e conexões entre o pensamento freireano e a luta cotidiana do Movimento LGBT. As análises apontaram perspectivas de existir e estar no mundo - a integração ou a acomodação - e a relação que a população LGBT estabelece com o enfrentamento à heteronormatividade remetendo-nos à contradição opressor-oprimido. Entendemos essa complexa conjuntura violadora de direitos por aquilo que Freire chamou de “inexperiência democrática” como sendo parte da realidade construída historicamente por meio da colonização de povos latinoamericanos. Mas compreendemos também que a emancipação pode se dar através de uma educação horizontal, dialógica, plural e conscientizadora. Uma educação como prática da liberdade.

¹ Doutorando em Ciência Política pela Universidade de Brasília - UnB. Mestre em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Pernambuco - PPGDH/UFPE. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico do Agreste - UFPE/CAA. É membro dos grupos de pesquisa (CNPq) RESOCIE - Repensando as Relações entre Sociedade e Estado (Doutorado), DIVERSIONES - Direitos Humanos, Poder e Cultura em Gênero e Sexualidade (Mestrado) e Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina (Graduação).

² Pós-doutora em Direitos Humanos pelo PPGDH/UFPE (2016). Pós-doutora em Educação na UFRGS (2012). Doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra (2006). Mestre em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas - RJ (2001). Graduada em Administração - Faculdades Integradas Anglo Americano - RJ (1993). Professora Associada da Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Curso de Pedagogia, e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos. Professora Visitante da Universidade de Salamanca, na Espanha em 2010, selecionada pelo CNPq. Coordenadora do Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina da UFPE/CAA.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Diversidade sexual. Emancipação. Paulo Freire.

RESUMEN: A través de una investigación bibliográfica, con foco en las obras "Educación como Práctica de la Libertad" y "Pedagogía del Oprimido", tejemos reflexiones y conexiones entre el pensamiento freireano y la lucha cotidiana del Movimiento LGBT. Los análisis apuntaron perspectivas de existir y estar en el mundo - la integración o el acomodamiento - y la relación que la población LGBT establece con el enfrentamiento a la heteronormatividad remitiéndonos a la contradicción opresor-oprimido. Entendemos esa compleja coyuntura violadora de derechos por lo que Freire llamó "inexperiencia democrática" como parte de la realidad construida históricamente por medio de la colonización de pueblos latinoamericanos. Pero comprendemos también que la emancipación puede darse a través de una educación horizontal, dialógica, plural y concientizadora. Una educación como práctica de la libertad.

PALABRAS CLAVE: Educación. Diversidad sexual. Emancipación. Paulo Freire.

ABSTRACT: Through a bibliographical research, focusing on the works "Education as a Practice of Freedom" and "Pedagogy of the Oppressed", we weave reflections and connections between Freirean thinking and the daily struggle of the LGBT Movement. The analysis pointed to perspectives of existence and being in the world - integration or accommodation - and the relationship that the LGBT population establishes with the confrontation with heteronormativity, referring to the oppressive-oppressed contradiction. We understand this complex situation violating rights by what Freire called "democratic inexperience" as part of the reality historically built through the colonization of Latin American peoples. But we also understand that emancipation can take place through a horizontal, dialogical, pluralistic and conscientious education. An education as a practice of freedom.

KEYWORDS: Education. Sexual diversity. Emancipation. Paulo Freire.

Introdução

Cultura, humanização, diálogo, libertação, emancipação. São vocábulos e expressões que marcaram a trajetória e a obra de Paulo Freire em muitos de seus livros, textos e escritos. Representam também objetivos políticos essenciais empreendidos pelo movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) no Brasil e no mundo.

Assim como a leitura que Freire nos deixou, alcançando distâncias e territórios a níveis globais, a luta política do Movimento LGBT é forjada no seio das localidades e globalidades. Embora o Patrono da Educação Brasileira não tenha claramente falado ou discutido sobre as identidades LGBT na sua obra, seu pensamento se coaduna à proposta de educação para a cidadania e emancipação dos homens e mulheres reivindicada por este Movimento e pelo reconhecimento da opressão posta contra esses/as cidadãos/ãs.

Essa sintonia entre o pensamento de Paulo Freire sobre a humanidade e a capacidade latente de nos humanizarmos, através do diálogo e da educação libertadora, aliada ao protagonismo de milhões de LGBT que militam mundo afora no afã de conquistar o princípio básico da dignidade humana, da igualdade de direitos e da cultura de paz, ou seja, à emancipação e à humanização, nos motivam a desenvolver (re)leituras do educador pernambucano numa perspectiva reflexiva, problematizadora e, sobretudo, esperançosa.

Com efeito, buscamos nesse texto, desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica sobre as obras de Paulo Freire (especificamente o “Pedagogia do Oprimido” e o “Educação como Prática da Liberdade”), tecer reflexões, embasados pela ótica e conceitos freireanos, tentando relacioná-los à resistência a homofobia e a heteronormatividade (LOURO, 2009) que recaem contra LGBT numa relação que pode ser comparada à ideia de opressores/as e oprimidos/as, numa sociedade normatizada, vigiada e punitiva.

Assim, desejamos (re)conhecer saberes, compartilhar vivências e promover (re)leituras do legado freireano na esperança libertadora de que nossas compreensões correspondam a ações. “Se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também o será. Se é mágica a compreensão, mágica será a ação” (FREIRE, 2009, p. 114).

Pensamento Freireano e o Movimento LGBT: Aproximações teóricas e políticas

É no contexto repressor das décadas de 60 e 70 no Brasil que os primeiros passos para a organização social de LGBT são dados. Nesse mesmo período obras clássicas de Paulo Freire são escritas e publicadas.

A ditadura militar ao mesmo tempo que produziu inúmeras violações de direitos humanos, provocou uma resistência política nos movimentos populares que resultaram intensas iniciativas culturais, artísticas, intelectuais e políticas.

Em “Educação como Prática da Liberdade”, Freire (2009) aponta duas perspectivas do relacionar e estar no mundo: o conceito de integração e acomodação (ou ajustamento). Segundo o autor,

A integração ao seu contexto, resultante de estar não apenas nele, mas com ele, e não a simples adaptação, acomodação ou ajustamento, comportamento próprio da esfera dos contatos, ou sintoma de sua desumanização, implica em que, tanto a visão de si mesmo, como a do mundo, não podem absolutizar-se, fazendo-o sentir-se um ser desgarrado e suspenso ou levando-o a julgar o seu mundo algo sobre que apenas se acha. A sua integração o enraíza. Faz dele, na expressão de Marcel, um ser “situado e datado”. Daí que a massificação implique no desenraizamento

do homem. Na sua “destemporalização”. Na sua acomodação. No seu ajustamento (2009, p. 50).

Com efeito, a perspectiva da integração apresenta conexões com o Movimento LGBT, Movimento que é uma resposta coletiva a um fenômeno social construído historicamente e que hierarquiza sujeitos a partir de suas identidades sociais, orientações sexuais e identidades de gênero: a homofobia.

Em oposição a esta definição, encontra-se a definição de acomodação ou ajustamento. Para Freire,

Não houvesse esta integração, que é uma nota de suas relações, e que se aperfeiçoa na medida em que a consciência se torna crítica, fosse ele apenas um ser da acomodação ou do ajustamento, e a História e a Cultura, domínios exclusivamente seus, não teriam sentido. Faltar-lhes-ia a marca da liberdade. Por isso, toda vez que se suprime a liberdade, fica ele um ser meramente ajustado ou acomodado. E é por isso que, minimizado e cerceado, acomodado a ajustamentos que lhe sejam impostos, sem o direito de discuti-los, o homem sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora (2009, p. 50).

Sem dúvidas, este sentido da existência, acomodado/ajustado, não se aplica ao Movimento LGBT que assume o protagonismo da luta contra a LGBTfobia no cotidiano de sua construção.

Desde a Revolta de Stonewall, passando pela despatologização das identidades gays, pelo combate ao estigma da Aids e as altas taxas de infecção até as resistências atuais como o avanço de setores conservadores nas esferas do Poder Público e projetos legislativos ultrajantes como o da “Cura Gay”, o Movimento LGBT demonstra que assume o significado de integração com o mundo.

Além dessas fases e episódios mencionados, podemos destacar desafios outros, que marcam a trajetória de lutas e pontos de enfrentamento da população LGBT (sem a intenção de esvaziar as inúmeras lutas travadas nos diferentes tempos e contextos): o Estado brasileiro que ainda viola a laicidade constitucional, implicando em consequências como a não-elaboração e não-desenvolvimento de políticas públicas específicas, bem como leis e projetos para LGBT e decisões judiciais que precisariam ser conferidas à luz dos direitos civis e não de dogmas e diretrizes religiosas.

Embora a homossexualidade tenha sido retirada, através da luta organizada do Movimento LGBT, do Código Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde

no ano de 1990, a transexualidade, travestilidade e outras identidades que atravessam as fronteiras de gênero ainda são consideradas patologias passíveis de tratamento psiquiátrico/psicológico. Aqui incide sobre essa população a arrogância da ciência moderna que classifica e subjuga identidades, subjetividades e expressões alternativas de vida.

As violações de direitos humanos, através das diversas manifestações e expressões da violência ainda não foram (e estão longe na conjuntura atual) superadas. Não é raro ficar sabendo de alguma violência mais grave ou vivenciar uma situação concreta de LGBTfobia.

Esse difícil contexto social na qual está inserida a população LGBT no Brasil tem implicado por muitos anos sua organização social e definição de estratégias políticas que visem dar respostas contra-hegemônicas a essa estrutura desigual e desumana.

Nessa direção, a história e a cultura já demonstraram que essa organicidade, organicidade esta forjada na leitura crítica e reflexiva do mundo, resultou em muitas conquistas que foram obtidas no seio da luta social. Na ótica de Freire,

A desesperança das sociedades alienadas passa a ser substituída por esperança, quando começam a se ver com os seus próprios olhos e se tornam capazes de projetar. Quando vão interpretando os verdadeiros anseios do povo. Na medida em que vão se integrando com o seu tempo e o seu espaço e em que, criticamente, se descobrem inacabados. Realmente não há por que se desesperar se se tem a consciência exata, crítica, dos problemas, das dificuldades e até dos perigos que se tem à frente (2009, p. 62).

De fato, a leitura crítica do mundo foi um dos grandes legados deixados por Freire. Para o educador, a alfabetização decodificadora seria insuficiente para compreender os processos que estão em jogo no mundo, nos provocando a busca por um letramento que possibilitasse a escrita e a leitura reais da vida e proporcionasse utilidade social.

Essa perspectiva de educação foi marcante na vida e obra de Paulo Freire, reproduzida e difundida em grande parte de sua atuação educadora e política entre trabalhadores, comunidades populares, periféricas e sujeitos diversos em situação de opressão. “Sem esta consciência cada vez mais crítica não será possível ao homem brasileiro integrar-se à sua sociedade em transição, intensamente cambiante e contraditória” (FREIRE, 2009, p. 65). Seus conhecimentos também ganharam adesão e reprodução nos ambientes da academia, espaço ainda marcado pela presença das elites.

De modo especial, o Movimento LGBT tem se valido de práticas educativas diferenciadas e alternativas à perspectiva tradicional, hierárquica e neoliberal de educação. Sua luta tem dito à sociedade que deseja nas escolas uma

Pedagogia do diálogo, da horizontalidade e do reconhecimento da pluralidade humana e suas múltiplas identidades.

Esse desejo pedagógico, inspirado na educação freireana, se mostra presente nas manifestações, nas rodas de diálogo, nas diversas ações e atividades ocorridas nos movimentos sociais, ONGs, partidos políticos, igrejas, associações, bem como em audiências públicas, conselhos, conferências, entre outros instrumentos de participação social.

A educação emancipadora proposta por Freire, nos colocaria numa situação pela qual é chamada de transitividade crítica. Para o teórico,

A transitividade crítica por outro lado, a que chegaríamos com uma educação dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas. Pela substituição de explicações mágicas por princípios causais. Por procurar testar os “achados” e se dispor sempre a revisões. Por despir-se ao máximo de preconceitos na análise dos problemas e, na sua apreensão, esforçar-se por evitar deformações. Por negar a transferências da responsabilidade. Pela recusa a posições quietistas. Por segurança na argumentação. Pela prática do diálogo e não da polêmica. Pela receptividade ao novo, não apenas porque novo e pela não-recusa ao velho, só porque velho, mas pela aceitação de ambos, enquanto válidos. Por se inclinar sempre a arguições (2009, p. 69 e 70).

Neste sentido, temos assistido esforços hercúleos de ativistas LGBT intencionados e intencionadas a empoderar outros sujeitos que ainda estão imersos e imersas num processo de alienação, de reprodução do machismo, da LGBTfobia, do classismo e do racismo.

Conforme Freire pensou em “Pedagogia do Oprimido” (2005), os oprimidos hospedam em si o opressor. Esta relação dicotômica, complexa e contraditória está presente na forma como a população LGBT, alienada, imersa nas tramas da heteronormatividade, procura imitar e reproduzir normas hegemônicas de ser e estar no mundo, norma essa heterossexual, como frágil e equivocada resposta à exclusão e ao estigma.

Há, por outro lado, em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua

alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo (FREIRE, 2005, p. 55).

O fato é que a heteronormatividade, como um fenômeno social complexo, difuso, enraizado na estrutura das relações sociais brasileiras, impõe aos sujeitos uma ditadura fincada no alinhamento padronizado entre sexo – gênero – sexualidade. Para isso, ela produz um conjunto de dispositivos, discursos e normas que visem eliminar identidades desviantes desse padrão. Por isso que ela é produzida e construída histórica e socialmente (LOURO, 2009).

Dessa maneira, a lógica heteronormativa instituída promove a alienação de muitos/as LGBT de modo a não reconhecerem a si nem a seus/suas pares. O não-reconhecimento mútuo tem resultado na reprodução de atitudes, posturas e expressões machistas, LGBTfóbicas e racistas. A definição de heteronormatividade encontra abrigo no pensamento de hospedagem do opressor proposto por Freire.

Sofrem uma dualidade que se instala na “interioridade” do seu ser. Descobrem que, não sendo livres, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser. São eles e ao mesmo tempo são o outro introjetado neles, como consciência opressora. Sua luta se trava entre serem eles mesmos ou serem duplos (FREIRE, 2005, p. 38).

Estar (e não ser) oprimido implica uma oposição e relação com o opressor, pois estão imbricados e coexistem mutuamente. Não há opressor/a sem oprimido/a assim como não há oprimido/a sem opressor/a. Por isto é necessário a libertação de ambos, através de uma práxis libertadora evitando a superação do oprimido sobre o opressor, haja visto que a estrutura de dominação e desumanização não estaria rompida, mas apenas trocadas as posições de dominação.

Segundo o pernambucano, a experiência histórica e social brasileira é profundamente marcada por aquilo que ele chama de “inexperiência democrática” (2009).

Realmente o Brasil nasceu e cresceu dentro de condições negativas às experiências democráticas. O sentido marcante de nossa colonização, fortemente predatória, à base da exploração econômica do grande domínio, em que o “poder do senhor” se alongava “das terras às gentes também” e do trabalho escravo inicialmente do nativo e posteriormente do africano, não teria criado condições necessárias ao desenvolvimento de uma mentalidade permeável, flexível, característica do clima cultural democrático, no homem brasileiro (FREIRE, 2009, p. 74 e 75).

Tal trajetória social colonizadora tem produzido até a contemporaneidade inúmeras desigualdades cidadãs e nesse contexto está inserida a população LGBT. Esta população também foi perseguida e silenciada em tempos obscuros de repressão da liberdade de expressão e exploração humanas. Nossos colonizadores portugueses trouxeram consigo não apenas o trabalho escravo e predatório, como também suas normas, culturas e religião. E com elas a imposição de vivências do gênero e da sexualidade, imprimindo uma moral branca inexistente até então em nossas terras.

Uma educação emancipatória passa diretamente pelo reconhecimento das diferenças, característica inerente à humanidade, bandeira central do Movimento LGBT. Outro elemento intrínseco a proposta de educação freireana é o exercício do diálogo autêntico. Nessa direção o Movimento LGBT tem procurado se organizar com vistas ao enfrentamento dessas dificuldades sociais. Para isso, tem se valido de estratégias políticas diversas. Podemos destacar a forte pressão por uma educação pública e de qualidade, educação essa pautada na proposta de Paulo Freire minimamente exposto neste trabalho.

Considerações finais

Foi através do pensamento de Paulo Freire que muitas das reflexões sobre as desigualdades sociais, violações históricas e possibilidades de superação destas problemáticas que muitos dos movimentos populares se constituíram. Destacamos, sobretudo, a proposta de educação libertadora desenvolvida por ele.

Educação essa construída com as pessoas e não para as pessoas. Isso implica urgentemente em reformas e práticas educacionais que promovam o diálogo, a troca de experiências, os saberes locais, as vivências e experiências.

A população LGBT possui ricos saberes muitas vezes menosprezados, desconsiderados e silenciados no cotidiano das escolas, assim como outros segmentos minoritários, a exemplo de negros e mulheres. Suas identidades, culturas e histórias são desprezadas ou inferiorizadas.

Concluimos desse trabalho que, embora Freire não tenha escrito ou mencionado a especificidade social LGBT, sua obra converge para a libertação também desse segmento, num engajamento que prima pela justiça social e humanização. Que se empenha na libertação de toda e qualquer situação de opressão. É nesta direção que encontramos conexões entre a filosofia freireana e o Movimento LGBT.

Extraímos também de nossos estudos uma análise conjuntural que responde algumas das questões políticas da população LGBT e a situação histórica em que ela está inserida. Para além disso, aprendemos que a educação como prática da liberdade, resultará na conquista da igualdade, almejada por estes cidadãos e cidadãs.

Por isso, é com insistência esperançosa que o Movimento LGBT demanda formação continuada adequada para os e as profissionais da educação, subsídios pedagógicos para elaboração e construção de aulas fomentadoras do respeito, currículos engajados com uma cultura de paz e processos escolares que promovam o reconhecimento da pluralidade e das diferenças na sociedade.

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz

(Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**.

Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 84-93.

Submetido em: 04/12/2017

Aceito em: 15/02/2018